

# Gramsci: uma nova biografia

ANGELO D'ORSI

*São Paulo: Expressão Popular, 2022. 464p.*

*Fernanda Peres Maranhão\**

Em *Gramsci: uma nova biografia*, Angelo D'Orsi divide a trajetória do autor em cinco partes: “Na Ilha” (1891-1911), “No Continente” (1911-1922), “Na Europa” (1922-1926), “De Roma para Turi” (1926-1928) e “De Turi para Roma” (1928-1937). A biografia segue uma linha cronológica, começando com a infância de A. Gramsci na Sardenha, onde nasceu em 1891, o quarto de sete irmãos. Desde cedo, ele enfrentou dificuldades com as condições físicas e materiais: o estigma da “corcundinha” presente já no 18º mês de idade, a prisão do pai e a pobreza que a mãe, Marcias Peppina. D'Orsi apresenta a infância de Gramsci na pequena ilha trazendo um ponto de vista intimista, dos conflitos de dentro de casa, como ocorre durante toda a biografia, apresentando os dados biográficos, especialmente a trajetória política e intelectual em seu conteúdo “encarnado”.

Em 1908, Gramsci se muda para Cagliari, onde despertam suas primeiras paixões intelectuais: teatro, jornalismo e estudos filológicos. O autor equilibra bem a narrativa entre o entusiasmo de Gramsci com o mundo em movimento, a política italiana, as questões da Sardenha e o sardismo com os desafios materiais enfrentados ao lado de seu irmão Gennaro. Em 1911, Gramsci ingressa na Universidade de Turim e se envolve em debates teóricos com figuras como Angelo

---

\* Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: fernandamaranh93@gmail.com

Tasca, Palmiro Togliatti e Umberto Terracini, que permaneceram seus interlocutores até o período em que escreveu os *Cadernos do Cárcere*. Nesse período, ele se compromete ativamente com a circulação das ideias socialistas, culminando na fundação do jornal *L'Ordine Nuovo*. O lema do jornal *instruí-vos, agitai-vos e organizai-vos* representa a disposição política de Gramsci nessa fase, que se desenvolve no comprometimento com os conselhos de fábrica e sua primeira experiência como líder político, o que D'Orsi interpreta como a pretensão não nomeada do Sardo em se tornar ele mesmo um “intelectual orgânico” e o jornal um “órgão de pedagogia política dos conselhos”.

O entusiasmo com a experiência nos conselhos em Turim, para D'Orsi, induziu a leitura de Gramsci sobre a revolução na Itália numa ilusão otimista. Não impediu, no entanto, que Gramsci fizesse a reflexão sobre as críticas – principalmente do Partido Socialista (PSI) – sobre os problemas nos conselhos e enxergasse as limitações da perspectiva sindical. Turim foi o centro industrial mais significativo da Itália durante o período de greves e ocupações de fábrica entre 1919 e 1920, conhecido como “Biênio Vermelho”. Nesse período, as divergências com o PSI colocaram os interesses de Gramsci no centro da consolidação da fração comunista, que mais tarde, em 1921, deu origem ao Partido comunista da Itália (PCd'I). Sua participação, contudo, foi pouco apreciada pelas figuras que dominavam a assembleia de fundação, por Amadeo Bordiga, sobretudo – a tensão estabelecida com a intransigência sectária de Bordiga, evidencia D'Orsi, será uma constante na trajetória de Gramsci no partido.

Na fase “Na Europa” (1922-1926), D'Orsi narra a estadia de Gramsci em Moscou, quando ele se aproxima das irmãs Schucht, testemunha a ascensão do fascismo na Itália e lida com seus problemas de saúde. Longe dos acontecimentos italianos, ele assume uma postura crítica à linha unitária da Internacional Comunista, mas se aproxima das ideias de Lênin. Para D'Orsi, esse foi o momento do “bolchevismo de Gramsci”, período de aperfeiçoamento da bagagem teórico-prática do sardo enquanto um “político profissional” e de manifestação da necessidade de conectar o quadro nacional italiano ao supranacional, acima de tudo, o europeu.

Quando retorna à Itália como deputado, Gramsci se torna uma figura central da oposição ao fascismo. No entanto, sente a necessidade de um novo “centro” no PCd'I, lidando com a fragmentação interna entre a direita de Tasca e a esquerda fracionária de Bordiga. Alinhado à Internacional Comunista (IC), Gramsci se convence da validade da fórmula “governo operário e camponês” para combater o fascismo, refletindo sobre a necessidade de unir o proletariado do Norte e os camponeses do Sul. Essa perspectiva se cristaliza nas *Teses de Lyon*, onde Gramsci propõe um modelo de organização política mais ajustado à realidade italiana, em oposição à visão mecanicista de revolução que predominava na época. A questão meridional aparece como central em sua formulação, demonstrando seu esforço em compreender as particularidades da sociedade italiana e superar a divisão histórica entre o Norte industrializado e o Sul agrário.

A quarta parte da biografia, “De Roma para Turi” (1926-1928), marca a prisão de Gramsci em 8 de novembro de 1926. D’Orsi reconstrói esse período por meio de suas cartas à cunhada Tatiana Schucht e ao amigo Piero Sraffa, a quem considera um amigo e não só “cortesias acadêmicas”. O início do cárcere é enfrentado com a tentativa otimista de Gramsci em aprender com a experiência do “mundo subterrâneo” e não preocupar os familiares com sua situação. A disposição do sardo vai se modificando nas tentativas frustradas de obtenção de liberdade, ou qualquer condição mais digna de vida no cárcere. O afastamento de sua companheira Giulia e dos filhos agrava ainda mais sua situação. Apesar de sua condição debilitada, ele se mantém ativo intelectualmente, utilizando as cartas como um meio de manter contato com o mundo exterior e de organizar suas ideias para os escritos que viriam a compor os *Cadernos do Cárcere*.

Mesmo na prisão, Gramsci segue firme em seu compromisso intelectual. Nos *Cadernos do Cárcere*, ele reflete sobre a cultura e a história italiana, tentando entender a “derrota” do socialismo – termo que, segundo D’Orsi, aparece 44 vezes nos *Cadernos*. Ele examina a formação dos intelectuais na Itália, a relação entre o nacional e o internacional no avanço do fascismo e os fenômenos do americanismo e do fordismo como expressões do capitalismo moderno. Ao longo do tempo, ele se distancia do marxismo dogmático e critica tanto Bukharin quanto as práticas de Stalin. No entanto, as restrições impostas pela prisão, como a dificuldade de acesso a livros e a censura, impactam diretamente sua produção intelectual.

O encontro de Gramsci com Maquiavel nessa fase foi fundamental. O florentino inspira Gramsci não como um político em geral, válido para todos os tempos, como comumente era considerado naquele contexto, mas, ao contrário, Gramsci percebe em *O Príncipe* um retrato político de seu próprio tempo. Essa leitura inspira sua formulação do conceito de *moderno Príncipe*, no qual o partido revolucionário assume o papel de organizar as classes subalternas para conquistar a hegemonia. O encontro com o realismo político impulsiona Gramsci para reformulação e concepção de conceitos que expressam a relação de totalidade que desenvolve entre as noções de história, economia, política e cultura, levando-o a aprofundar conceitos fundamentais dos *Cadernos*, como filosofia da práxis, hegemonia, nacional-popular, bonapartismo e cesarismo. Para Gramsci, a hegemonia não era apenas uma questão de dominação política, mas envolvia também uma luta no campo das ideias e da cultura, o que tornava o papel dos intelectuais ainda mais central.

A biografia apresenta Gramsci como um intelectual orgânico, o que distingue a sua teoria política e o que caracteriza o marxismo gramsciano, constituído na vida política, militante e não na experiência puramente intelectual, tradicional. D’Orsi traça um retrato humano do pensador, valorizando a honestidade intelectual e o compromisso histórico com a Itália de sua época. A leitura da obra nos coloca diante de um Gramsci que viveu intensamente suas ideias e cuja teoria continua sendo um referencial para pensar a política e a sociedade entre o passado, o presente e o futuro.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A parábola de Kubrick**  
Luiz Martins

**A revolução de Vertov**  
François Albera

**O legado de Losurdo**  
João Quartim de Moraes

**PT: bases e governos**  
Ricardo Musse

**DOSSIÊ “Marxismos, feminismos, *queer*  
e sexualidades” (Parte I)**

Bárbara Castro, Maira Abreu, Gianfranco Rebutini,  
Jules Falquet e Sophie Noyé

48